

VÁRIOS AUTORES

50 POEMAS DE REVOLTA

COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2017 by Os autores

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Capa

Thiago Lacaz

Revisão

Angela das Neves

Ana Maria Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

50 poemas de revolta — 1^a ed. — São Paulo : Companhia
das Letras, 2017.

Vários autores.

ISBN: 978-85-359-3016-0

1. Poesia — Coletâneas — Literatura brasileira.

17-09361

CDD-869.1

Índice para catálogo sistemático:

1. Poesia : Coletâneas : Literatura brasileira 869.1

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

SUMÁRIO

10 Apresentação

12 MÁRIO DE ANDRADE
Descobrimento

13 ANGÉLICA FREITAS
porto alegre, 2016

15 WALY SALOMÃO
Tarifa de embarque

17 CONCEIÇÃO EVARISTO
Vozes mulheres

19 CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE
A flor e a náusea

22 ARMANDO FREITAS FILHO
Corpo de delito

26 ALICE RUIZ
Socorro

28 FABIANO CALIXTO

Memórias de um homem-bala

36 FERREIRA GULLAR

Subversiva

38 HILDA HILST

Poemas aos homens do nosso tempo, I

40 FRANCISCO ALVIM

Quem fala

41 ROBERTO PIVA

Poema porrada

43 BRUNA BEBER

barragem

44 TORQUATO NETO

Poema do aviso final

45 FABRÍCIO CORSALETTI

Balada a favor das últimas manifestações

47 JORGE DE LIMA

Mês de maio

49 JOSÉ PAULO PAES

Epitálio para um banqueiro

50 MÁRIO DE ANDRADE

Ode ao burguês

53 FERREIRA GULLAR

Não há vagas

55 CACASO

Reflexo condicionado

56 FABRÍCIO CORSALETTI

Balada para E.C.

58 HILDA HILST

Poemas aos homens do nosso tempo, III

60 CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Os ombros suportam o mundo

62 VINICIUS DE MORAES

O operário em construção

72 YASMIN NIGRI

Pluma azul

73 NICOLAS BEHR

Receita

75 CAROLINA MARIA DE JESUS

Não digam que fui rebotalho,

76 CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Carta a Stalingrado

80 VINICIUS DE MORAES

A rosa de Hiroshima

- 81 PAULO LEMINSKI
para a liberdade e luta
- 82 FRANCISCO ALVIM
Disseram na Câmara
- 83 ANA CRISTINA CESAR
Minha boca também
- 84 CACASO
Jogos florais
- 86 LAURA LIUZZI
Ressaca de 17 de abril de 2016
- 87 FRANCISCO ALVIM
Acontecimento
- 88 CLAUDIA ROQUETTE-PINTO
Sítio
- 90 JOÃO CABRAL DE MELO NETO
O retirante explica ao leitor quem é e a que vai
- 93 OSWALD DE ANDRADE
o capoeira
- 94 CHACAL
Papo de índio
- 95 ZUCA SARDAN
Invocação

97 OSWALD DE ANDRADE

erro de português

98 VINICIUS DE MORAES

Pátria minha

103 TARSO DE MELO

Somália

114 TORQUATO NETO

literato cantabile

117 OSWALD DE ANDRADE

alerta

118 ARMANDO FREITAS FILHO

Propriedade

120 ANGÉLICA FREITAS

a mulher quer

122 LEDUSHA

de leve

123 ADELAIDE IVÁNOVA

a porca

124 HORÁCIO COSTA

História do Brasil

126 Os autores

136 Referências dos poemas já publicados

142 Índice de títulos e primeiros versos

APRESENTAÇÃO

TODA POESIA É POLÍTICA?

A poesia é, por si, ato de resistência. Além de não comercial, espécie de antiproduto, antimerca- do, dirigida a um círculo restrito de leitores, é uma reação à automatização da linguagem, do pensa- mento e dos sentidos. Quando o poeta lança seus dados em resposta às notícias de jornal, a políti- ca aparece não apenas como um dos componen- tes que definem o gênero poético, mas também como temática do poema. Com profundo desejo de transformação, os versos se rebelam contra as mazelas sociais e conquistam alta voltagem de mobilização. É uma poesia engajada, indignada, insubordinada.

Os poemas de denúncia ganharam corpo em situações cruciais da história brasileira. Para citar alguns movimentos do século xx, há o modernis- mo de 1922, com seu empenho em repensar as

bases da identidade nacional; o pós-modernismo de 1945, com a preocupação em recuperar o rigor formal; a poesia concreta da década de 1950, com uma nova proposta de exploração dos recursos gráficos e conteúdo combativo; as correntes de vanguarda Instauração Praxis e Poema-Processo, das décadas de 1960 e 1970; e a poesia marginal, que nos anos 1970 voltou a atenção para a própria intimidade com tom coloquial e bem-humorado, em contraste ao autoritarismo dos anos de chumbo.

50 poemas de revolta reúne 34 poetas brasileiros de diferentes épocas, entre clássicos e representantes da novíssima geração. São poemas que, em tempos sombrios, procuram jogar luz sobre incontáveis modalidades de negligência e opressão que estão na ordem do dia. Contundentes, lúcidos e radicalmente atuais, os versos desta antologia não têm medo de levantar bandeiras, marcar posição, discutir a relação.

Os editores

MÁRIO DE ANDRADE

Descobrimento

Abancado à escrivaninha em São Paulo
Na minha casa da rua Lopes Chaves
De supetão senti um friúme por dentro.
Fiquei trêmulo, muito comovido
Com o livro palerma olhando pra mim.

Não vê que me lembrei que lá no norte, meu
[Deus! muito longe de mim,
Na escuridão ativa da noite que caiu,
Um homem pálido, magro, de cabelo escorrendo
[nos olhos,
Depois de fazer uma pele com a borracha do dia,
Faz pouco se deitou, está dormindo.

Esse homem é brasileiro que nem eu...

ANGÉLICA FREITAS

porto alegre, 2016

quando você viu na tv
aqueelas pessoas em fila na chuva
à noite numa estrada
na fronteira de um país que não as deseja

e quando você viu as bombas
caírem sobre cidades distantes
com aquelas casas e ruas
tão sujas e tão diferentes

e quando você viu a polícia
na praça do país estrangeiro
partir pra cima de manifestantes
com bombas de gás lacrimogêneo

não pensou duas vezes
nem trocou o canal

e foi pegar comida
na geladeira

não reparou o que vinha
que era só uma questão de tempo
não interpretou como sinal a notícia
não precisou estocar mantimentos

agora a colher cai da boca
e o barulho de bomba é ali fora
e a polícia pra cima dos teus afetos
munida de espadas, sobre cavalos

Tarifa de embarque

*Sou sírio. O que te assombra,
estrangeiro, se o mundo é a pátria em
que todos vivemos, paridos pelo caos?*

Meleagro de Gádara, 100 a.C.

Não te decepciones
ao pisares os pés no pó
que cobre a estrada real de Damasco.
Não descerres cortinas fantasmagóricas:
camadas de folheados
 — água de flor de roseira
 água de flor de laranjeira —
que guloso engolias,
gravuras de aldeãs portando ânforas ou cântaros,
cartões do templo de Baal
e das ruínas do reino de Zanubia em Palmira,
fotos de Aleppo, Latakia, Tartus, Arwad

que em criança folheavas nas páginas da revista
[ORIENTE

na idade de ouro solitária e febril
por entre as pilhas de fardos de tecidos
da Loja Samira;
arabescos, poços, atalaias, minaretes, muezins, curvas
caligrafias torravam teus célios, tuas retinas
no vão afã de erigires uma fonte e origem e lugar ao sol
na moldura acanhada do mundo.

Síria nenhuma iguala a Síria
que guardas intacta na tua mente régia.
Nunca viste o narguilé de ouro que tua avó paterna
— Kadije Sabra Suleiman —
exibia e fumava e borbulhava nos dias festivos
da ilha fenícia de Arwad.

Retire da tela teu imaginário inchado
de filho de imigrante
e sereno perambule e perambule desassossegado
e perambule agarrado e desgarrado perambule
e perambule e perambule e perambule.

Perambule

— eis o único dote que as fatalidades te oferecem.

Perambule

— as divindades te dotam deste único talento.